

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Titãs da Civilização
Ocidental 3



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Nogueira, Rafael

Titãs da Civilização Ocidental: Aula 3

ISBN:

1. História do mundo antigo

CDD 930

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

O mito e o teatro gregos, desenvolvidos entre os séculos VIII e V a.C., são o tema desta aula. Embora antigos, ambos são capazes de fornecer conhecimentos que nos ajudam a compreender melhor a realidade e a nós mesmos.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba o que são os mitos; qual a diferença entre mito e mitologia; como podemos usar os mitos para compreender melhor a nossa realidade; como eles explicavam a origem de tudo; os períodos da Grécia Antiga.

INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, trataremos acerca do mito e do teatro na Grécia Antiga. Para abordar este tema desafiador, antes é preciso esclarecer o significado do termo mito, uma vez que esta palavra vem sendo utilizada para se referir a pessoas que se destacam e que são consideradas uma espécie de heróis. Eu considero esse uso interessante, pois nos remete aos heróis míticos. Observem que escolhi empregar o adjetivo mítico e não o mitológico. Isso tem uma razão de ser, a qual será explicada detalhadamente em breve.

O mito na Grécia Antiga guarda algumas semelhanças com o mito de Roma. Como estamos fazendo nosso passeio histórico de forma cronológica, Roma somente será abordada em aulas posteriores. Além disso, o mito romano não está inserido nas opções do nosso curso. No entanto, fica a indicação de que tal afinidade existe.

Mito *versus* Mitologia

O substantivo mito é usado, de uma forma um pouco mais técnica, de modo a diferenciar-se de mitologia. O mito grego é o corpo de narrativas que a Grécia contava, a princípio, oralmente. Através da transmissão oral, essas narrativas eram passadas de geração em geração. Posteriormente, algumas dessas narrativas foram escritas. Como era contado oralmente e não estava escrito, o mito apresentava uma certa mutabilidade. Afinal, quando contamos para uma outra pessoa algo, e este algo é contado muitas vezes de novo, sem que haja um registro escrito, mutações, inclusive significativas, ocorrem.

Quando elementos do mito grego estão presentes em um filme, é costume que algumas pessoas apontem a inverdade de determinados aspectos, alegando que o mito ocorreu de forma diversa da representada. É preciso dar uma má notícia: não é possível saber o que é o mito grego oficial. Não há condições. Mesmo que haja registro dos mitos, não sabemos se a versão ali relatada era a mais conhecida. Contudo, sabemos que, séculos depois, quando a Grécia passa a tomar, por exemplo, a *Ilíada* de Homero como padrão de ensino, os mitos registrados realmente se transformaram em uma espécie de mito oficial. Não temos como saber, porém, o que os gregos contavam uns aos outros a respeito dessas narrativas desde o início até passados muitos séculos.

Antes de prosseguirmos, acho interessante que nos localizemos no tempo. Nesta aula, o recorte histórico adotado abrange o período que vai do século VIII a.C. ao século V a.C..

Dito isso, quero explicar por que utilizei, e continuarei utilizando, a palavra mito e não mitologia. Embora não seja errado utilizar “mitologia grega” para se referir às narrativas do mito grego, a palavra mitologia passou a ser empregada somente a partir do século 19, quando alguns estudiosos refletiam sobre o mito grego e criavam teorias com base neste.

Muitas vezes, essas teorias procuravam explicar o processo de desenvolvimento cognitivo da humanidade. De acordo com essa perspectiva, a humanidade passaria por uma fase mítica, a qual seria sucedida por outras fases. O sufixo *logos*, presente em muitas palavras como biologia, psicologia e, no caso, mitologia, seria um estudo do mito. Um dos mais famosos estudos mitológicos é o de Carl Jung, que estudou os mitos como arquétipos presentes no inconsciente coletivo. Essa interpretação faz com que tenhamos que, às vezes, buscar nos mitos algumas explicações primordiais para o nosso próprio comportamento, hoje e em qualquer época, desde que a humanidade se mantinha humanidade. Por enquanto, a humanidade é a mesma, estruturalmente e em natureza, do que a grega. Temos, portanto, elementos muito semelhantes.

Além do aspecto cognitivo e psicológico, há, ainda, o aspecto antropológico, uma vez que a mitologia também foi estudada por antropólogos. Mitologia, então, eram os estudos sobre o que significa o mito. Por isso, faço uma diferenciação entre os termos. Quando uso a palavra mitologia, estou me referindo aos estudos a respeito do mito. Por outro lado, quando uso a palavra mito, como mito grego, estou me

referindo justamente ao corpo de narrativas de um dado povo, neste caso, do grego. Essa é a razão para eu utilizar o adjetivo mítico em vez de mitológico, porque hoje não é uma aula de mitologia. Embora este seja um tema interessante, quero contar para vocês algo a respeito do mito grego.

Por que estudar o mito grego?

Em nosso encontro anterior, indiquei, com muita veemência, algumas peças de teatro grego, notadamente, “Édipo Rei”. No primeiro momento desta aula, focaremos nossa atenção em certos elementos míticos e históricos que antecipam, ou seja, que antecedem, o aparecimento dessa peça de Sófocles. Eu também pretendo fornecer algumas explicações de reflexões muito atuais, como se o mito as explicassem mesmo. Eu quero mostrar para vocês como é possível, a partir do conhecimento do mito grego, nós nos conhecermos melhor e conhecermos, por exemplo, a sociedade e a política. Além disso, quero mostrar, também, como o mito grego muitas vezes pode explicar realidades muito presentes na nossa vida. No dia 26 de maio de 2019, houve uma manifestação política e muitas perguntas que apareceram nas discussões públicas podem ser respondidas com o mito. Há outros casos de discussões entre políticos para as quais também percebo explicações no mito grego.

Eu acho o estudo do mito muito importante porque estudá-lo pode te fazer perceber certas coisas sobre si mesmo que antes estavam escondidas. Ao contrário do que se pensa, esses temas não são só para intelectuais, para professores, para psicólogos. Eu acho que toda pessoa que tem um cérebro e que tem uma constituição biológica, do ponto de vista cerebral, normal, pode ler e fazer estudos a respeito. Por um lado, isso enriquece o imaginário e concede uma série de figuras, uma série de elementos, que podem ser usados para pensarmos sobre a nossa vida, sobre os nossos dilemas. Por outro, isso permite o exercício da cidadania. Essa palavra é muito utilizada pela esquerda, mas, neste caso, podemos interpretá-la sem o viés político. Cidadão, aqui, refere-se àquele que participa ativamente da democracia, em alguma medida. Participar ativamente é entender, é compreender. E eu confio que os estudos desses grandes livros, inclusive do mito grego, capacitam-nos a compreender melhor a realidade que nos cerca.

Referências

A base desta aula está em algumas sínteses atuais, uma vez que, nessas aulas introdutórias, com espaçamento reduzido entre si, não haveria tempo hábil para realizarmos leituras tão densas quanto *Ilíada*.

Por isso, para aqueles que não tem contato ou intimidade com o mito, costumo indicar o trabalho de Jean-Pierre Vernant. Vernant lecionava na Universidade de Paris acerca da Grécia. Ele escreveu o livro “O universo, os Deuses, os Homens”, que contém um resumo de tudo que aprendeu sobre o tema, ao qual se dedicou ao longo de sua vida. Vernant estudou o pensamento grego, a história grega, o mito, estabelecendo, inclusive, comparações entre este e a religião. Além disso, buscou identificar as diferenças de mito, religião, rito.

O neto de Vernant muitas vezes lhe pedia que contasse as histórias do mito. Depois um tempo, Vernant também passou a contá-las a seus amigos. Estes insistiram para que as escrevesse. Na introdução do livro, Vernant explica a importância da oralidade para o mito, conforme mencionei anteriormente.

Como os mitos eram contados?

Voltemos à Grécia para imaginarmos como era essa oralidade. Na Grécia, existiam homens chamados rapsodos ou aedos, os quais memorizavam essas narrativas em verso e as contavam em forma de música, tal como se as cantassem, para as pessoas que estavam em volta. Isso constituía uma grande atração, digamos assim, como se fosse o cinema da época. As pessoas iam ouvir ao *rapsodo* e ao *aedos* cantando. Muitas vezes, essa declamação era acompanhada de instrumentos típicos da Grécia Antiga. Por vezes, o *rapsodo* e o *aedos* eram criativos e modificavam um pouco o mito. Como vários o cantavam, essa elaboração foi se alterando.

Os versos facilitam a memória, justamente por terem sonoridade e a escolha de palavras ser muito adequada. Dizemos que o verso é mnemônico. Aliás, tal palavra advém de uma das musas, a Mnemosine, a qual faz parte do mito grego e é responsável pela memória. A ideia é que essa deusa inspirava aqueles que tinham os mitos na memória. Desta forma, o mito tem uma certa metalinguagem. O homem que está enunciando o mito está, digamos, vivendo o mito, porque a deusa o inspirou.

No nordeste brasileiro, há um fenômeno parecido. Os nordestinos, por exemplo, têm a experiência de cantar sua própria vida, algumas histórias dos seus

antepassados, histórias locais, as quais são transmitidas em forma de canções. Isso demonstra que isso está presente em várias culturas e em vários momentos da história, não somente na Grécia Antiga.

Hesíodo, o historiador

Essa transmissão oral não é limitada somente por alterações ocorrerem, mas também pelo fato de a memória ser passível de falha. Neste contexto, surge um homem chamado Hesíodo, um dos primeiros a registrar os mitos, e escreve “Teogonia”. O radical *teos* se refere a Deus e o sufixo *gonia* a gênese. Então, é basicamente a origem dos Deuses.

A origem dos deuses é também a origem do universo e a origem do homem. Assim, Hesíodo conta a origem de tudo: como surgem os deuses, como estes brigam entre si, como outros aspectos da realidade vão aparecendo a partir de batalhas entre os deuses, dos desafios que eles se colocavam entre si. Depois, aparece o homem que, em alguma medida, tem um problema com os deuses também. Depois, enfim, aparece o homem como nós o conhecemos.

Percebam que, nessa narrativa que eu contei, o homem estava em melhor condição antes. Isso lembra até o gênese da Bíblia, em que há uma queda. O mito grego também considera que os ancestrais dos nossos ancestrais viviam em uma espécie de paraíso, até que brigaram com os deuses e se deram mal. Existe, igualmente, essa imagem da queda. Uma imagem, aliás, que aparece em várias culturas. Essa é a ideia de que existe o inconsciente coletivo também. O homem, portanto, vivia em um estado muito mais interessante. Depois, acontece um problema e ele decai, seu modo de viver começa a perder qualidade. Isto está presente em duas obras de Hesíodo: “Teogonia” e “Os trabalhos e os dias”, também muito importante. “Os trabalhos e os dias” é a parte do mito que diz respeito à natureza, à relação da natureza com o homem e à regulação do tempo da vida humana. A questão de colheita, de conduta, de ética, estão muito presentes neste texto. Passado um tempo, no período arcaico da Grécia Antiga, aparece o mito mais famoso.

Em breve, falaremos dos períodos da Grécia Antiga. Neste momento, importa saber que o período arcaico canta aquilo que aconteceu séculos antes, no período homérico. O período homérico recebe esse nome porque Homero cantou narrativas sobre ele.

Homero, no fundo, seria uma espécie de historiador, só que um historiador que afirma que uma guerra começou porque três deusas queriam a opinião de um homem a respeito de sua beleza. As três deusas queriam que este homem apontasse quem era a mais bonita. Este homem era Páris, o príncipe de Tróia. Em troca, por ser escolhida, cada deusa ofereceu a Páris certas recompensas. Atena ofereceu a Páris êxito em guerras e mais algumas vantagens políticas. Hera também fez as suas ofertas. Afrodite, por sua vez, ofereceu a Páris a mulher mais bela do mundo como recompensa, caso ele a escolhesse como a deusa mais linda.

Páris seleciona Afrodite, porque preferia ter a mulher mais bonita do mundo a ser o homem mais poderoso do mundo, a ser o homem vitorioso em guerras. Páris vai fazer uma visita à Esparta e lá encontra a mulher mais bela do mundo. Era a esposa do rei, Helena. Ele se apaixona por ela e ela por ele, tal como Afrodite havia prometido. Páris simplesmente rapta Helena, dando origem a uma guerra absurda.

Páris escolheu justamente a mulher do rei de Esparta. Os espartanos eram descendentes dos dórios, um povo que invadia as cidades, roubando e depredando tudo. Este não era o período áureo dos espartanos, que conhecemos do filme "300". Eram os antepassados deles, que ainda não tinham sido educados por Licurgo.

Quando usamos a palavra homérico, como, por exemplo, uma guerra homérica, é por causa disso. O rapto consentido de Helena por Páris dá início a uma guerra entre todos os povos da Grécia. Na verdade, todos se unem contra Tróia. Uma observação: Tróia é um nome latinizado. O nome em grego é Ílion. Daí vem Ilíada, o livro que narra a guerra de Tróia, a guerra de Ílion. Hesíodo era um historiador, mas será que toda essa guerra começou porque três deusas estavam querendo saber quem era a mais bonita entre elas?

Homero, em uma mesma narrativa, inseriu os deuses e a relação dos homens com estes. Uma vez que, provavelmente, três deusas não competiram coisas nenhum em relação a Páris, a ideia principal que precisa ser extraída é que existe uma ordem cósmica acima da nossa, que nos influencia diretamente.

A descoberta de Tróia

Eu não sei se vocês sabem disso, mas, até o século 19, os historiadores achavam que tudo isso era invenção, que nada disso, absolutamente nada, tinha acontecido. Até que um alemão, chamado Heinrich Schliemann, fixou-se na ideia de que era descendente de reis troianos. Schliemann conquistou muito dinheiro na vida

e sua paixão por mito fez com que viajasse para onde Tróia parecia estar localizada para escavar. Como não era um arqueólogo, ele escavou tudo meio errado, acabou destruindo um monte de provas, mas, incrivelmente, achou Tróia, queimada. Não só uma Tróia, mas várias.

Para explicar isso rapidamente, vou usar termos não técnicos. O chão mais baixo, inferior, era o solo de uma outra época. Então, foram feitas escavações que chegaram a uma parte que estava toda queimada, destruída. As pessoas ficaram impressionadas e passaram a acreditar que tinha algo de histórico nisso. Então, uma série de pesquisadores começou a estudar o tema e a aderir a essa perspectiva.

Hoje, muitos historiadores tomam por verdade a existência da guerra de Tróia, ainda que a atribuam a outros motivos. Durante esses estudos, perceberam que a localização de Tróia era de um entreposto. Tróia está em um local em que, para passar, é como se fosse preciso pagar uma espécie de pedágio. Pelo que conta o mito, era uma cidade riquíssima, poderosíssima, justamente controlando o acesso ao Oriente. Deste modo, é muito conveniente inventar qualquer pretexto para guerrear com os troianos e destruí-los, conseguindo assim o acesso.

Quando estudamos essa história, aprendemos que são os gregos contra os troianos. Muita gente tem uma dúvida a respeito disso: não eram todos gregos? Afinal, todos escreviam e falavam em grego. Neste caso, é preciso lembrar que houve duas diásporas na história da Grécia. Diáspora é quando um povo, que está concentrado, espalha-se. O povo concentrado na Península Balcânica se espalhou por dois motivos. O primeiro motivo foi a invasão dos dórios. A Grécia foi se formando com a chegada de povos indo-europeus que vinham do Oriente. Os dórios eram um povo que já tinha domínio do ferro e era muito agressivo. Eles entravam nas localidades saqueando e destruindo tudo. Os povos que ali viviam eram povos muito marítimos e artísticos, porque descendiam de Creta, aquela civilização cretense, e de Micenas, as quais haviam se unido e harmonizado, originando a civilização creto-micênica. Embora soubessem guerrear e tivessem um controle marítimo maravilhoso, ainda eram um povo muito artístico, em que havia a ideia de grandes castelos, deuses e deusas. Quando os dórios, um povo extremamente grosseiro e que já dominava a metalurgia, chegam, destroem com tudo. Esses povos passaram a ficar de sobreaviso, conscientes de que os dórios poderiam chegar e destruir com tudo. Por isso, começaram a se espalhar, sobretudo pelo entorno do mar Egeu, mas também para a península itálica. Essa é a primeira diáspora. Na segunda diáspora, eles já

estavam estabelecidos em várias localidades, só que elas foram se esgotando. Alguns se espalharam devido ao espírito aventureiro, outros, ao esgotamento do território. Com essas viagens, os povos começaram a se conhecer.

Os cinco períodos gregos

Eu vou explicar isso um pouco melhor para vocês organizarem esses conhecimentos nas suas mentes. Costumo dizer que, quando nossa mente absorve muitos conhecimentos sem organização, é como se fosse uma sala em que vamos jogando objetos. Se eu preparar uns arquivos, umas gavetas, para vocês, fica mais fácil memorizar. Então, vamos organizar isso.

A história da Grécia tem cinco principais períodos históricos. Você vai memorizar esses cinco períodos, nos quais vai encaixar, adequadamente, as histórias que eu conto.

Lembra que eu falei que tudo começa em Creta? O primeiro período é o período pré-homérico. Ele recebe esse nome porque é o período anterior àquilo que Homero contava. O período pré-homérico corresponde à civilização cretense, à civilização micênica e, depois, à civilização creto-micênica e às invasões indo-europeias. Os dórios não foram os únicos invasores. Houve também outros, como os jônios e os eólios. Os dórios foram os mais marcantes devido a essa invasão um pouco contundente.

Depois do período pré-homérico, há o período homérico. O período Homérico é aquele no qual se passam as histórias contadas por Homero.

Findado este, tem início o período Arcaico. O período Arcaico é o período no qual viveu Homero. Isso confunde muita gente, por isso é preciso ficar claro. Homero não viveu no período homérico. O período homérico é o período sobre o qual Homero fala. Homero veio depois, no período arcaico. O período arcaico se caracteriza pela formação de pequenas cidades-Estado, justamente porque houve a diáspora. De repente, passados alguns séculos, eles vão formando pequenos reinos. Alguns reinos já haviam sido formados no homérico, e no período arcaico há o desenvolvimento maior do que reinos, que é a chamada pólis. Há leis se formando, cidades-Estado se caracterizando, uma de um jeito, outra de outro. Uma oligárquica, outra monárquica, a outra meia democrática, como Atenas. No arcaico, surgem as várias pólis.

O quarto período, mais famoso de todos, é o clássico. O período clássico é aquele em que observamos, sobretudo, Esparta e Atenas se sobressaindo em

grandes realizações humanas. Essa já é a Esparta que conhecemos mais pelos filmes, a qual tem feitos militares quase inacreditáveis. Atenas, por sua vez, é a famosa democracia em que há o surgimento da filosofia com os sofistas e Sócrates. A filosofia já existia há algum tempo, mas versava sobre outros temas.

Depois do período clássico, há uma decadência. Essa decadência acontece porque as várias cidades-Estado brigam entre si. Sobre a briga entre Atenas e Esparta, as pessoas têm o lugar comum de que os atenienses eram fracotes e os espartanos, os fortes. De jeito nenhum. Atenas era fortíssima no mar. Tanto que, se vocês assistirem à continuação do filme “300”, perceberão que é justamente Atenas que lidera a guerra. Os atenienses eram fortes tanto no mar quanto em batalha. Eles ainda haviam erguido uma fortificação em volta da pólis. Assim, pensavam que eram imbatíveis nesse momento - mas não eram -. Os espartanos formam uma liga contra os atenienses e conseguem prejudicá-los bastante. Uma pequena parte dessa história é bem curiosa. Os espartanos observam os atenienses se escondendo na fortificação, cientes de que o único caminho possível para chegar à Atenas é pelo porto. No entanto, os espartanos percebem que os atenienses, ao se esconderem atrás da fortificação, deixaram para trás tudo que haviam plantado, tudo que haviam construído. Os espartanos saíram destruindo tudo. Os atenienses, bravos, deixam a fortificação. Essa guerra, conhecida como Guerra do Peloponeso, foi escrita por Tucídides. Claro que a estou contando de forma extremamente reduzida, mas, basicamente, os atenienses estavam se sobressaindo por estratégia e perderam por terem sido burros. Embora Esparta tenha sido vitoriosa, ficou muito fraca. Isso permitiu que Tebas tomasse o poder de tudo. Contudo, Tebas também não era tão forte assim, e foi sucedida pela Macedônia, comandada por Felipe II. Alexandre, o Grande, filho de Felipe II, conhecido aluno de Aristóteles, completa esse trabalho. Por isso o quinto e último período é chamado de Alexandrino ou helenístico. Ele recebe o nome de helenístico justamente porque não é helênico. Sei que isso soa confuso, vou explicar melhor. A Grécia Antiga como um todo não é a Grécia de hoje. O que dava unidade para a Grécia Antiga não era o território, o qual se estendia do meio da Ásia Menor até o que hoje chamamos de Itália. A unidade era dada por três elementos.

- 1) O mito: havia mais ou menos as mesmas narrativas míticas circulando entre eles.
- 2) Jogos olímpicos: eles competiam entre si em jogos olímpicos periódicos. O pessoal da Ásia não participava. Embora muito poderosos, eram

considerados inferiores. Quando a Pérsia vinha invadir uma cidade, estavam conscientes de que os resultados não seriam bons.

3) Língua: a língua grega. Da Ásia à península itálica, e no mar Egeu também, as pessoas falavam a língua grega.

Esses três elementos, mitos, jogos olímpicos e língua, indicam-nos o que é a Grécia Antiga. A Grécia Antiga era chamada de *Hellas* ou, em português, hélade. Daí helênico, aquele que era da Grécia Antiga. Usamos a palavra helenístico para aquilo que já está no último período. Se vocês quiserem usar corretamente, de forma técnica e cuidadosa, o adjetivo helenístico se refere ao último período. Alexandre, o Grande, tomou o Egito, quase toda a Ásia e o norte todo da Grécia. Enfim, conquistou quase todo mundo antigo, a ponto de chegar na Índia. Ele só não avançou sobre a Índia porque morreu, com 33 anos. Alexandre, o Grande, é responsável por espalhar a cultura grega porque, para muitos lugares onde foi, abriu bibliotecas e escolas. Essas escolas tinham ginásios e uma educação clássica, daí vem este termo, pois Alexandre usou um modelo de educação que havia sido criado na fase clássica e tentou torná-lo padrão em todo canto. É neste momento que começam a ser feitas cópias de livros que praticamente só existiam em Atenas. O livro que indiquei para vocês “Édipo Rei”, ainda está disponível porque Alexandre mandou copiá-lo. Alexandre determinou a cópia de sete obras de cada um. Eles tinham manias pitagóricas com número, por isso a escolha do sete. Então, foram copiadas sete obras do Ésquilo, sete do Eurípedes, sete do Aristófanes. Assim, também copiaram sete obras do Sófocles, dentre as quais a trilogia tebana, porque se passa em Tebas, composta por “Édipo Rei”, “Édipo em Colono” e “Antígona”. Sófocles escreveu quase oitenta obras. Restam-nos apenas sete, graças ao Alexandre. O período helenístico é esse final, em que a Grécia está espalhada por tudo que é canto. Já não é a clássica, mas sim uma espécie de resquício padronizado da clássica.

Como eles aprendiam a ler? Primeiro, memorizando cantos míticos. Segundo, aprendendo a escrever com base na *Ilíada*. Com isto, a *Ilíada* se torna o livro padrão. A partir do período helenístico, portanto, há a padronização da tal escola clássica, pois Alexandre queria mandar a Grécia para todo lado.

Explicado isso, você já memorizou que a história da Grécia Antiga é dividida entre os períodos pré-homérico, homérico, arcaico, clássico e helenístico ou alexandrino. No período pré-homérico, você vai encaixar tudo que falei desde a ilha de Creta até as invasões dos povos indo-europeus. No período homérico, ocorre a

guerra de Tróia e a Odisseia. A volta para casa de Odisseu, que levou mais de quinze anos, está escrita, em grande parte, por Homero. No período arcaico, temos a formação de cidades-Estado, a caracterização de Esparta tal como a conhecemos, sobretudo pela influência de Licurgo, que é um legislador. Há a caracterização de Atenas como Atenas, por uma série de legisladores também. Notadamente, Clístenes e Sólon. Estes legam leis, as quais moldam. Isso que estou falando é muito sério, e já estamos aprendendo com a história e com o mito. As leis disciplinam, criam hábitos. Esparta sofria com insegurança, pois havia muitas invasões. Licurgo teve uma ideia para resolver o problema. Como havia muitos trabalhadores na volta, era possível encaminhar os homens para formarem uma classe de guerreiros, os quais viveriam com circunstâncias mais ou menos homogêneas, e seriam treinados dos sete anos até o final da vida acerca das artes militares. Essa ideia é transmitida ao povo e Licurgo orienta que eles adotem essa política até a sua volta. No entanto, Licurgo vai viajar e não retorna mais. Assim, os espartanos ficam séculos seguindo as regras do Licurgo. Em Atenas, houve tiranos como Pisístrato. Depois, Sólon, com uma espécie de democracia, com uma visão de ordem universal. Clístenes o sucede, com uma democracia mais parecida com a nossa, relativista. Esses acontecimentos foram moldando os gregos. Com o relativismo, eles começaram a discutir o tempo todo, pois a persuasão virou um ponto central. Neste contexto, surge Sócrates, que enche a paciência de todo mundo. Assim nasce a filosofia. O resto é Alexandre, o Grande, aproveitando-se das brigas internas deles para tomar tudo. E, depois, Alexandre ainda espalha o pensamento grego pelo mundo.

Agora que vocês conhecem a história da Grécia, podemos abordar melhor o mito.

Os mitos

Em todos esses períodos, os gregos tinham mitos. Os mitos foram passando, repito, por mutações e desenvolvimento, até chegar no período Alexandrino, no qual todos estudavam a Ilíada. Nesse processo, os mitos passaram por muitas mutações.

Há uma grande pergunta a qual os mitos também tentavam responder: como tudo surgiu? Essa é a grande pergunta. O cristianismo tem uma resposta. O judaísmo, outra, muito parecida, afinal, usam inicialmente os mesmos livros. Outras civilizações antigas, como a egípcia, criaram outra narrativa. Os sumérios e babilônios também tem suas próprias. Embora as narrativas sejam distintas, racionalmente as

explicações são mais ou menos parecidas. Todo mito tem uma narrativa: como tudo começou. Hoje, veremos a dos gregos.

Basicamente, existia o caos. O caos é o indistinto, indiscernível. As coisas são uma espécie de mistura. Para as coisas irem se diferenciando, catalogando-se, ganhando nome, individualizando-se, surgem o céu e a terra, Urano e Gaia. Do caos, portanto, vieram Urano e Gaia. Isso era muito primordial, muito primitivo. Céu e terra eram, ao mesmo tempo, deuses com alguns aspectos antropomórficos e forças da natureza.

Céu e terra, Urano e Gaia, tinham uma relação apaixonada. Com isso, há um outro elemento, que é o Eros. Este não é o Eros que vocês conhecem, o qual só veio a surgir depois. Esse é o Eros primordial, que causa o amor entre Gaia e Urano. Eros os vincula e Gaia e Urano fazem filhos e mais filhos. O problema é que Urano não dava espaço para Gaia. Ele grudava nela toda hora. Além disso, como tinha um certo receio de que seus filhos tomassem o seu lugar, ele os mantinha dentro de Gaia. Era como se ela fosse engravidando e os seres ficassem mantidos dentro dela. Havia mais relações sexuais, mais um filho nascia, e ele era mantido dentro dela. A partir deste ponto, há diferentes versões. Há uma que considero muito engraçada, em que acontece um tipo de tramoia. Gaia não aguentava mais aquela situação e teve uma ideia. Ela conversou com um de seus filhos, que considerava corajoso, e pediu para que desse um jeito no pai. Quando Urano estava tendo relações sexuais com Gaia, o filho, que estava dentro dela, cortou o órgão sexual do pai. Urano cai para um lado, seu sangue, para o outro, e o seu sêmen, para mais outro. Onde essas partes caem, surgem deuses. Afrodite, por exemplo, surge onde havia caído o líquido seminal. Isso para vocês terem uma ideia de como as coisas vão surgindo.

Dessa separação, surge o espaço. O filho de Gaia e Urano responsável por cortar o órgão sexual do próprio pai é Cronos. Cronos estabelece uma nova ordem. Não é mais Urano quem manda, mas sim ele. Cronos tem relações sexuais com sua irmã, a deusa Reia. Quando Reia engravida, Cronos tem o mesmo receio de seu pai, Urano, de que seus filhos tomem o seu lugar. Para não correr o risco de sofrer o mesmo que seu pai, Cronos decide devorá-los, uma vez que, dentro da mulher, poderiam causar problemas. Sempre que um filho seu nascia, Cronos o embrulhava e devorava, para que ficassem dentro dele. Ele devorou filho por filho, até que chegou um momento em que sua esposa, uma mulher, decidiu que queria salvar o filho.

Eu estou brincando com o fato de ser a mulher a fazer um plano, mas, ao mesmo tempo, mostrando a inteligência. O grego mostrava que a mulher tem a capacidade de enfrentar os homens observando o que está acontecendo e pensando nas possibilidades, em como articular as coisas. Eu acho isso muito interessante, é um dado do mito grego.

Reia percebe que pode salvar seu filho embrulhando uma pedra no lugar dele. Ela achava que Cronos, meio burro, iria comê-la sem se dar conta da diferença. Reia salva Zeus, resguarda-o em uma caverna e, em seu lugar, coloca uma pedra no embrulho. Cronos engole mesmo a pedra e Zeus vai sendo criado. Aqui, novamente, há diferentes versões. Certas narrativas afirmam que Zeus foi sendo criado por centauros, enquanto outras, por ninfas. Enfim, Zeus foi criado de alguma maneira. Ele cresce, fica forte e tem justamente a ideia de destronar o pai, a fim de salvar os seus irmãos que ainda estão dentro dele. Ele e a mãe, juntos, envenenam Cronos, para que ele vomite os demais filhos. O plano dá certo e Zeus se reúne com seus irmãos, os chamados deuses olímpicos. Cronos e seus irmãos eram os titãs.

No nome do curso, o termo titã está sendo usado como uma figura de linguagem para os gigantes, para os grandes, para as grandes figuras e os grandes livros da civilização ocidental.

No mito grego, o termo técnico para titã é o conjunto de deuses que sucedeu os deus primordiais, filhos de Urano e Gaia. Cronos era um dos titãs, dentre outros. Zeus e Poseidon são exemplos de deuses olímpicos. Embora faça parte dos deuses olímpicos, Atenas é filha de Zeus, portanto, pertence a outra geração, digamos assim.

Então, acontece uma batalha, porque Zeus convence seus irmãos a participarem de uma guerra para destronar Cronos. Zeus também persuade os ciclopes, aqueles monstros de um olho só, e, ao mesmo tempo, aqueles monstros de cem braços, gigantescos, a lutarem ao seu lado. Esses monstros tinham sido aprisionados por Cronos e Zeus promete libertá-los em troca de apoio, proposta que foi aceita. Zeus também articula com outros deuses mais estáticos, e muito poderosos, como o deus que representa o oceano. Zeus promete mantê-los com seus poderes em troca de apoio. Cronos era um deus muito grosseiro. Zeus, por outro lado, é de articular com todo mundo, de ganhar aliados. Assim, ele consegue organizar tudo. Os ciclopes, por terem sido libertados, ajudam-no a formar o tal do raio, uma arma poderosíssima. Assim, ocorre a Titanomaquia, que é a guerra entre os titãs e os deuses olímpicos. Os deuses olímpicos vencem e Zeus institui uma nova ordem.

Com isso, já estamos na terceira ordem. É interessante que do caos surgem as primeiras distinções, ainda de forma muito primitiva, primordial. Com a ordem de Cronos, as coisas eternas, o céu e a terra, e outros elementos, como o amor, entram no tempo. Por isso as pessoas inventam que Cronos é tempo, e usamos cronos para palavras como cronômetro e cronologia. Os gregos não tinham essa ideia dele como deus do tempo. Ele era um titã, que impôs uma ordem. Uma maneira de interpretar esse mito é de que ele coloca aquelas coisas eternas em movimento dentro do tempo. Isso, no entanto, já é mitologia.

Zeus institui uma nova ordem, em que há diálogo entre os deuses, e humaniza um pouco as coisas. Zeus é o maioral, mas há diálogo. Ele faz articulação de guerra, articulação de governo. Quando um problema acontece, Zeus convoca os participantes para uma conversa e escuta a opinião de um e de outro. Quando Zeus vê as mulheres brigando, dá um medo. As mulheres brigando dá tudo errado. Foi assim que começou a Guerra de Tróia. Zeus tinha relações com todo mundo. Ele não seguia uma fidelidade matrimonial. Quando ele via uma humana muito bonita, sempre encontrava um jeito de se transfigurar em algo que ela gostasse, para poder levá-la para a cama do amor. Zeus institui uma ordem muito parecida com a vida que levamos, com uma ordem humana. Daí surgem os homens. Na verdade, os homens existiam, nesse momento, sem terem muitos problemas. Poderíamos usar até mesmo a palavra paradisíaca, sem remeter à questão bíblia. As mulheres ainda não existiam. Só havia homens. Esses homens eram imortais e a natureza era um pouco diferente. O fogo, por exemplo, era comportado. Ele ficava restrito à árvore, não se espalhava. Tinham outras características nesse sentido. Eles tinham quase que comida abundante, e poucas regras. Eles faziam oferendas para os deuses, em que ofertam a melhor parte da comida. Um dia, Prometeu teve a ideia de tentar enganar os deuses. Prometeu não era exatamente um homem. Ele era uma espécie de miscigenado. Tinha um pouco de deus, um pouco de homem. Prometeu sugeriu que as tripas da carne fossem embrulhadas com a gordura boa, para que os deuses a escolhessem. A parte boa da carne, por sua vez, ficaria no meio dos ossos e eles poderiam comê-la. Quando descobre, Zeus se enraivece e, como punição, retira o fogo deles. Além de perderem acesso ao fogo, esses homens recebem outras sanções, dentre as quais, a de morrer. Acontecem uma série de outros eventos. Prometeu rouba o fogo e o entrega aos homens. Neste caso, o fogo representa um pouco a técnica, a capacidade humana de pegar um elemento quase divino e utilizá-lo. É a inteligência

transformadora do mundo. Zeus ficou revoltado. Prometeu terminou pendurado no alto de uma montanha, sofrendo ataques de uma ave de rapina. A ave de rapina é aquela carnívora, como águia, abutre, falcão, que mata animais para comer. Durante o dia, essa ave comia um dos órgãos de Prometeu. Esse órgão se restituía durante a noite, para que, no dia seguinte, a ave o comesse novamente. Como vocês podem perceber, Zeus é meio cruel. Prometeu só vai ser salvo dessa rotina por Hércules, algum tempo depois. O nome Hércules é latinizado. Em grego, a tradução mais próxima de Hércules é Héacles.

Vocês estão percebendo o problema enorme no qual os humanos se meteram? Primeiro, porque tentaram enganar os deuses na hora de fazer a oferenda. Segundo, por terem se mancomunado com Prometeu, que roubou o fogo dos deuses. Mas Zeus realiza uma nova vingança. Eu vou fazer aqui um parênteses. Senhores, o misógino não sou eu. Isso é coisa dos gregos. Para se vingar, Zeus cria a mulher. Ele faz uma mulher especial, Pandora. Pandora chega ao local onde estão os homens toda bonitona, portando um objeto que chamamos de caixa de pandora, mas que, na verdade, é relatado, na maioria das versões, como uma espécie de vaso. Os gregos tinham muito apreço por vasos. Pandora é criada para enganar o irmão do Prometeu, o Epimeteu. Prometeu era aquele que pensava antes de agir, por isso, era sagaz. Epimeteu, seu irmão, é o lerdo, aquele que pensa depois de agir. Zeus criou essa armadilha para que Epimeteu se vinculasse com a mulher, que é a Pandora. Quando Pandora surge, Epimeteu se encanta por ela. Neste ponto, novamente, há várias versões, muito complexas. Em uma versão, Pandora tinha trancafiados, dentro do vaso, os males que, se dela saíssem, afligiriam os seres humanos. Encantada por Epimeteu, Pandora liberta esses males. Quando o vaso é fechado novamente, fica preso dentro dele somente a esperança. Só que a esperança não é um mal. Daí que tem uma confusão entre várias versões. Muitos dizem que, na verdade, Pandora deixou escapar outros bens que os seres humanos ainda tinham, como se as virtudes, a generosidade, a bondade, todos tivesse ido embora. Quando fechou o vaso, ficou somente a esperança. Como se só nos restasse a esperança.

A esperança é uma palavra que vai adquirir uma conotação um pouco parecida até no cristianismo, que é a de uma experiência sobrenatural. Isso aqui é uma porcaria, mas um dia, quem sabe, na outra vida, pode ser que tenha alguma coisa boa.

Olha o pessimismo do mito. Tudo isso foi trazido pelas mãos da mulher. Isso é um problema dos gregos, não sou eu, Rafael, que estou afirmando isso. Enfim, daí é que surge uma humanidade mais parecida com a nossa. Outro detalhe é que aquele fogo, roubado por Prometeu, permaneceu. No entanto, era um fogo descontrolado, raivoso, um fogo que, se descuidado, mata o homem e consome tudo. De acordo com o mito grego, a mulher trouxe esses males e deixou que eles se espalhassem, ou, dependendo da versão, permitiu que os bens fugissem.

Ainda que acha uma visão um pouco misógina, acho que não é só uma questão de desrespeito. Os gregos davam mais valor aos homens, sim. De qualquer forma, há uma maneira de interpretar que, se bem observada, dá muito protagonismo às mulheres. Elas sempre são decisivas. Às vezes para o mal, às vezes para o bem.

A ordem de Zeus é mais complexa, mais interessante. Ela permitiu que os homens existissem. O entendimento com ele não foi bom, mas as mulheres foram permitindo isso. Chega uma mulher que permite que algo ruim aconteça, mas não foi só isso na história. As próprias deuses femininas brigam entre si, muito por ciúme, inveja e a tentativa de competir por beleza, que caracteriza a mulher. Ou não? Ou as mulheres mudaram muito desde as gregas da antiguidade até hoje? Tem alguma semelhança. É óbvio que não todas.

Há a história de Hércules, por exemplo, que faz parte de um corpo de mito posterior. Hércules também vivencia um momento em que precisa escolher entre duas mulheres. Uma delas era uma espécie de alegria mundana, uma fruição mundana. A outra era uma representação de virtude, de aretê, de excelência. A representante dos bens mundanos era muito sensual e tinha todas as características de uma mulher que sabe tirar proveito da fraqueza do homem. A outra, que representava a virtude, embora não fosse feia, estava com uma feição de alguém mais cansado. Além disso, falava com mais sobriedade e não prometia grandes coisas a ele. Ela afirmava que, ao seu lado, eles iriam trabalhar juntos, porque só muita atividade faz coisas boas acontecerem. Ela dizia que eles teriam atividade incessante, sempre buscando a excelência. Enquanto isso, a outra mulher prometia todas as delícias e prazeres. Hércules escolhe a virtude, que era uma mulher que, segundo dá a entender no mito, tinha um semblante mais cansado e não utilizava dos recursos que a mulher tem para submeter os homens. Isso existe. O mito grego até deixa isso claro. Hércules valoriza a mulher que representa a virtude. Então, há essa mensagem de que a mulher de valor é assim.

Outra mensagem boa em relação às mulheres é representada por Penélope e está presente na Odisseia. Odisseu fica vinte anos fora de casa. Sua mulher, Penélope, ficou lhe esperando, enquanto não tinha notícia de sua morte. Havia homens guerreando para suceder o lugar de Odisseu, porque este era o rei de Ítaca. Odisseu, a princípio, não queria deixar Ítaca. Seu filho, Telêmaco, havia acabado de nascer. Odisseu, no entanto, foi convencido de que precisa ir para guerra. Graças a ele, a vitória foi conquistada. O problema é que, quando vence, Odisseu se empolga demais e age com o que os gregos chamavam de desmedida empáfia, algo que desorganizava o cosmos inteiro. A desmedida empáfia é o seguinte. Você tem a medida humana e, de repente, você acredita ser maior do que de fato é. Então, você age como se você fosse maior. Você enfrenta os deuses e disse que não precisa deles. Foi mais ou menos assim que Odisseu ficou depois de ganhar a guerra. Tem algumas pessoas que, quando adquirem coisas muito grandes, tem sucesso na vida, começam a se achar maiores do que são. Essa desmedida empáfia não é a única maneira de ter a *hybris*, mas é uma delas. Isso atrai a ira de alguns deuses, que perseguem o desmedido e, às vezes, até mesmo as gerações seguintes de sua família. Em Odisseia, Odisseu é perseguido sobretudo por Poseidon. Ao mesmo tempo, é protegido por Atena. Assim, há uma guerra em dois ambientes. Por um lado, há uma luta entre Poseidon e Atena. Por outro, Odisseu, que acabou de dar vitória para os gregos, está tentando voltar para casa e Poseidon, que controlava, em grande medida, os mares, está o impedindo. Odisseu fica quase duas décadas fora, lutando contra Poseidon, tentando voltar para casa. Penélope, sua mulher, espera-o. Inclusive, cria um subterfúgio para isso. Ela dizia àqueles que estavam concorrendo para se tornarem seu marido que, quando acabasse de costurar um tear, escolheria seu futuro marido, que seria o rei de Ítaca. De dia, Penélope costurava e, de noite, descosturava tudo. Os concorrentes, no entanto, acabam descobrindo seu ardil e resolvem realizar uma luta entre eles, uma espécie de competição, em que o ganhador seria eleito futuro esposo de Penélope. Odisseu chega travestido de mendigo nessa competição e a vence. Depois, mata todos os concorrentes e retoma sua esposa. Engraçado que, na história, seu cachorro o reconhece.

Vemos, portanto, que a mulher pode ser virtuosa, ou seja, uma mulher diligente, que leva o homem ao trabalho, a conquistar coisas, como no caso do Hércules, e que também pode ser uma mulher fiel, leal aos seus deveres, aos seus valores, ao seu marido, como no caso do Odisseu.

Édipo Rei

Até agora, tudo que contei está presente no “Teogonia” do Hesíodo, em “Ilíada” e “Odisseia” do Homero, e até nas narrativas do Hércules. O “Édipo Rei”, entretanto, está localizado em outro contexto. Ele está em Atenas.

Em Atenas, o teatro era uma espécie de concurso. Os dramaturgos levavam seus textos para competições, em que os jurados decidiam qual era a melhor peça. Muito dinheiro era dado para o vencedor do concurso. No entanto, os dramaturgos não escreviam novas histórias. Eles utilizam aquelas que todos conheciam. Todo mundo sabia como iam terminar. O grande desafio era contar a história de uma forma envolvente, para que todos gostassem, se emocionassem e refletissem, a partir do teatro, sobre circunstâncias cívicas, sociais e cósmicas. Sófocles, por exemplo, venceu muitos concursos. Dentre eles, com “Édipo Rei” ou com “Antígona”. Sófocles, como dramaturgo que escreveu dezenas de obras, fez com que as histórias se tornassem conhecidas pela sua versão. Há outras versões, para o teatro de Édipo, que são diferentes da dele. A questão é que essa foi considerada a melhor escrita. Aristóteles dizia que “Édipo Rei” do Sófocles é o exemplo por excelência de tragédia.

O que é tragédia? Usamos a palavra “trágico” para nos referirmos àquilo que é muito triste, que é profundamente comovente, que parece injusto. Embora tenha um pouco desses elementos, na verdade, tragédia é um gênero literário, em que os dramaturgos encaixavam certas narrativas. Esse gênero literário se caracteriza por ter personagens acima da média, que são quase deuses, que são heróis, e que, em alguma medida, tiveram a *hybris*. Ou seja, esses personagens, ou algum ascendente, tiveram uma desmedida, eles se excederam. Do ponto de vista cristão, é a soberba. É você se considerar acima. Do ponto de vista grego, é a *hybris*. O indivíduo precisa estar mais ou menos encaixado na circunstância social, humana, cósmica. Na tragédia, por algum motivo, o herói teve um desencaixe. Então, o cosmos vai dar um rebote, uma reação. Essa reação mata um monte de gente para recompor a ordem.

Em “Édipo Rei”, Édipo estava amaldiçoado por culpa de seu pai. O seu pai havia cometido a *hybris*. O pai de Édipo, chamado Laio, era um rei. Ele estava louco para ter relações sexuais com um rapaz. Como não conseguiu conquistá-lo, sequestrou-o e teve relações sexuais à força. O rapaz fica tão aborrecido que se suicida. Para nós, achamos que todo mundo na Grécia era homossexual, mas não é bem assim. Laio sequestra um rapaz, levando-o ao suicídio. Para se vingar, os pais

do rapaz amaldiçoam Laio e toda sua geração à desgraça. Essas maldições são complicadas. Temeroso, Laio vai até o Oráculo. Os gregos iam aos oráculos, os quais diziam o que ia lhes acontecer. Geralmente, o oráculo acertava. Oráculo diz a Laio que seu filho iria lhe matar e desposar sua mulher, a mãe dele. Chocado, Laio manda dar um sumiço no filho que acabara de nascer. O menino é entregue a um pastor, que ficou responsável de dar fim nele. Na época, isso era relativamente comum. Não havia tanta tecnologia para realizar um aborto. Em todos os tempos, todo mundo conhecia ervas chás que fazem tão mal para mulher que está quase morre, ou morre, a ponto de provocar um aborto. Essas coisas precárias existiam. Mas, geralmente, o infanticídio era utilizado quando não se queria ter um filho. O bebê era dado para ser jogado da montanha e pronto. Isso era muito comum em toda Hélade. Em Esparta, havia havia uma razão eugênica para isto. Se o bebê fosse pequeno demais, eles o matavam, pois não seria um bom guerreiro. Outras deficiências físicas, como um pé torto ou um coração aparentemente fraco, também era causa para que os bebês fossem descartados. Muitos grupos indígenas brasileiros, aqueles que estão preservados, realizam isso até hoje. Outros, realizaram o infanticídio por muito tempo. Não há, por exemplo, nos relatos, índios com síndrome de down ou com problemas. Eles realmente realizavam infanticídio. É muito triste isso, mas é uma coisa que muitas culturas compartilhavam.

Voltando à história de Édipo. O pastor, com pena, decidiu levar o bebê ao rei de Corinto, pois este não conseguia ter um filho. Além de salvar a criança, o pastor ainda cairia nas graças do rei. Assim, o menino foi criado como rei de Corinto. Já crescido, Édipo entra em uma briga e seu rival lhe revela que é um bastardo. Diante do ar de seriedade com que foi xingado, Édipo resolve inquirir a seus pais acerca do assunto. Os pais pedem que ele esqueça isso, mas ele sente que tem algo errado. Então, vai ao Oráculo. O oráculo lhe conta o que havia dito a Laio: que ele iria matar seu pai, tomar o lugar dele e, ainda, desposar sua mãe. Horrorizado, Édipo foge de Corinto. Dois detalhes: primeiro, Édipo era um homem briguento. Segundo, Édipo é uma referência a pé. Seu pai tinha uma marca, justamente porque fora amarrado quando criança. Na estrada, fugindo de Corinto, Édipo encontra uma caravana de pessoas que o tratam mal e que dizem que deve abrir caminho porque o rei de Tebas está ali. Édipo espanca um monte de gente e mata uns cinco. O resto das pessoas fogem. Dentro os homens que ele matou, estava o rei de Tebas, seu verdadeiro pai. Ele matou o pai sem saber o que estava acontecendo. Ele se dirige para Tebas. Ao

chegar lá, havia um monstro que estava afligindo todo mundo, atormentando o povo, matando pessoas e trazendo pragas. Esse monstro era uma esfinge. Com a notícia da morte do rei, a esfinge toma a cidade. A mulher do rei, Jocasta, está desesperada. Édipo resolve enfrentar a esfinge. A esfinge lhe dá um enigma e promete se matar caso ele o resolva. O enigma era: qual o ser que, de manhã, anda com quatro pés, à tarde, com dois e, à noite, com três? Édipo responde: é o ser humano. Quando bebê, ele engatinha. Quando adulto, ele caminha e, ao ficar velho, apoia-se em um cajado. Édipo vence a esfinge e, conforme prometido, ela se mata. Isso é interessante porque, em grego, o nome de Édipo está relacionado com pé e a pergunta tem pé ali. Então, é uma pergunta que a resposta é quase ele mesmo, porque ele é homem. É como se fosse o tempo todo autoconhecimento. Édipo não percebe que matou o pai. Então, ele não tem um autoconhecimento muito bom. Ele realmente acaba desposando a própria mãe, que era a esposa de Laio, seu pai. Jocasta e Édipo tem quatro filhos: Etéocles, Ismênia, Antígona e Polinices. Repentinamente, as pragas voltam a assolar a cidade. Só que a esfinge já estava morta. Eles percebem que um problema estava acontecendo e tentam identificar o que está errado, pois, durante o primeiro momento em que Édipo reinou, tudo estava ótimo. O povo queria entender o que estava acontecendo e, como rei, Édipo propõe uma investigação para descobrir o que está errado na cidade. Ele investiga e não encontra responsáveis, não encontra a origem da maldição, não encontra nada, até que começam a identificar que uma coisa está errada com ele. Nessa época, chega à cidade um dos profetas mais famosos dos mitos gregos, que também está presente em "Odisseia". Esse profeta, cego, diz a Édipo que não pode lhe contar o que está acontecendo, porque era algo muito ruim que ia deixá-lo chateado. Édipo ofende o profeta, diz que está mentindo, e ameaça prendê-lo e matá-lo caso não conte o que sabe. O profeta, acobardado, resolve contar a Édipo que ele desposou a própria mãe e matou o próprio pai. Édipo fica louco e percebe que suas afirmações fazem sentido. A mãe, também percebendo a veracidade do que foi dito, suicida-se. Édipo fura os próprios olhos e abandona o reino.

Isso é a tragédia grega.

Édipo em Colono

No livro sequencial da trilogia, "Édipo em Colono", Édipo vai para Colono e se torna um mendigo. Diz-se que a cidade em que Édipo morrer, será abençoada.

Sófocles diz que Édipo ficou em Colono, uma localidade próxima à Atenas. É como se Édipo tivesse morrido ali. Na minha interpretação, Sófocles quis dizer que Édipo foi para Atenas, por isso que esta é a maior e melhor cidade. Enquanto Édipo está em Colono, seus dois filhos, Etéocles e Polinices, sucedem-no no poder em Tebas. Etéocles e Polinices entram em um acordo para cada um governar durante um período. No entanto, Etéocles pega o mandato e não o devolve. O outro filho, Polinices, migra para Corinto, fica um tempo lá, cresce, notabiliza-se, destaca-se, organiza um exército e invade Tebas. Há uma guerra de Tebas contra Corinto. Os dois irmãos se matam no campo de batalha. Com isso, não restaram herdeiros para assumir o poder, que passa a ser ocupado por Creonte, irmão de Jocasta. Quando Creonte assume o poder de Tebas passamos para o terceiro livro, "Antígona".

Antígona

Antígona é uma das filhas de Édipo com sua mãe, Jocasta. Mais uma vez, temos uma mulher protagonizando o mito grego. Creonte, irmão de Jocasta, era cunhado de Laio, mas ele também era cunhado de Édipo, que é marido da própria mãe. Creonte se estabelece como rei de Tebas e, nessa posição, decide que somente Etéocles seria enterrado, com os ritos fúnebres, porque Polinices havia virado um inimigo de Tebas. Etéocles é enterrado e o corpo de Polinices fica abandonado. Deixar o corpo de um morto abandonado é muito desrespeitoso no mundo grego. O sujeito poderia ficar com a alma vagando eternamente, sem parar. Uma infelicidade eterna.

Antígona era irmã de Etéocles e Polinices. Antígona cuidou de seu pai, Édipo, até o final. Foi ela quem o levou para Colono. Antígona fala para sua irmã, Ismênia, que elas precisam enterrar seu irmão. Ismênia pede para não se envolver, depois de tantas desgraças sofridas. Antígona diz que elas não podem deixar o corpo do irmão abandonado e vai sozinha, à noite, enterrá-lo. No dia seguinte, os guardas descobrem o corpo de Polinices enterrado e vão contar para o Creonte. Creonte, indignado, pedem que descubram o responsável e o tragam para ele. Os guardas desenterram o corpo e ficam na espreita. Antígona novamente vai enterrar o irmão. Os guardas a prendem e a levam até Creonte. Todo mundo estava com medo, pois Creonte iria mandar matar quem havia enterrado o corpo. No entanto, Creonte não era apenas tio de Antígona. Seu filho, Eron, era o noivo dela. Creonte manda que Antígona fique quieta, porque é ele quem emite as leis, ele é o rei. Creonte teria legitimidade para

dizer a lei, ele tinha o estado na mão, e determina que a lei, que era uma espécie de decreto, é que só Etéocles pode ser enterrado, porque lutou por Tebas. Antígona diz que existem leis não escritas superiores à sua lei. Ela afirma que está falando em nome de leis divinas, que era irmã de Polinices e que não vai deixá-lo desenterrado, que ele precisa ser enterrado. Ela afirma que fala em nome de leis maiores. Diante desta atitude, Creonte decide prender Antígona em uma caverna, sem comida, para que pense melhor. Eron vem discutir com o pai, tentando convencê-lo a enterrar Polinices, mas Creonte repete que ele é quem emite as leis, que ele é quem dá as ordens. Eron vai à caverna tentar conversar com Antígona, mas ela já havia se suicidado. Eron fica revoltado, vai tentar dar socos no pai e se mata. A esposa de Creonte, mãe de Eron, descobre que seu filho morreu, briga seriamente com Creonte, e também se mata. Creonte termina sozinho, isolado. Todos a sua volta morreram, e ele fica pensando o que fez de errado, o que precisava ter feito. Há o verso final, que também é de arrepiar, em que ele diz: quando a desmedida empáfia gera desmedidas palavras e desmedidos atos, esses atos de soberba geram um retorno da natureza, e esse retorno em restituir a ordem. Tudo é um problema de falta de prudência.

É engraçado que os conservadores colocam a prudência como a principal das virtudes, do ponto de vista político. A interpretação de Hegel é que Antígona falava em nome do direito natural e do direito divino, enquanto Creonte falava em nome do direito positivo, do estado. Tem um quê de verdade. O professor Marcelo Gonzaga chegou à conclusão de que, na Grécia antiga, eles não entendiam como Hegel. Eles entendiam que os dois estavam errados. Primeiro, dentro do cosmos, Creonte era uma autoridade legítima. Então, as tais leis não escritas davam legitimidade a ele. Mas Antígona também tinha sua razão. Eles tinham que, de alguma forma, ter encontrados as vias para o diálogo ou entendido razão um do outro. O choque por empáfia, por soberba, cria a tragédia. Não ouvir, não prestar atenção, não entender o cosmos, não entender o outro, gera isso tudo.

Quando falamos em mitologia, tem muitos estudos sobre Antígona que querem fazer estudos feministas afirmando que Antígona é a primeira feminista da história. Eu á li várias vezes Antígona, e não vi nenhuma defesa a pautas parecidas com as atuais. Mas era sim, eu endosso isso, uma mulher frágil que tinha perdido toda família e quis honrar o irmão a todo custo. E falou, para isso, em nome de leis maiores do que as leis de um tirano. É de arrepiar mesmo. É comovente. É uma mulher forte para caramba.

Como eu comentei, na Grécia, eles assistiam a essas histórias sabendo como era a narrativa, o que constituía o início, o meio e o fim da história. As pessoas ficavam impressionadas em como autor organizava a história, e saíam de lá discutindo questões cívicas. Muita gente diz que o teatro grego servia para gerar discussões políticas. Foram três os mais famosos dramaturgos: Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Cada um dá destaque mais para um lado. Ésquilo centra mais no lado cósmico, no geral. Eurípedes foca mais no lado humano, ligado à conduta humana, à reflexão política e moral. Sófocles, mescla as duas visões, a cósmica e a vida humana. Os extratos de realidade são perceptíveis. Uma discussão entre familiares, por um lado. Uma discussão um Chefe de Estado e uma espécie de cidadão, pois Antígona era um membro do estado, ainda que nessa época essa palavra não fosse utilizada. Ao mesmo tempo, há o cosmos. O cosmos estava desarranjado desde Laio, e todas as gerações foram amaldiçoadas. Ninguém compensou a *hybris* direito. Em Creonte, tudo estava destruído, toda família estava acabada. E a conclusão de que Sófocles é que faltou prudência.

Para próxima aula, se vocês puderem, leiam “Apologia” de Sócrates.

PERGUNTAS

1) Quem foi Sócrates?

Na próxima aula, focaremos nele, mas Sócrates foi um filósofo que incomodou a Atenas dos oradores. Sócrates ficou incomodando as pessoas e acabou sendo morto pela democracia ateniense. Conhecemos a história desse jeito porque algumas pessoas a escreveram, principalmente Platão. Outro que a registrou foi Xenofonte. Aristóteles se referia a Sócrates como alguém vivo. Você tem aí um Sócrates histórico.

O que aconteceria se ninguém tivesse escrito sobre Sócrates dessa forma e o Platão só tivesse contado o mito da caverna? O mito da caverna é aquele em que as pessoas estão trancadas em uma caverna e uma delas consegue sair. Esses homens nasceram na caverna e só veem sombras de uma luz artificial. Um dos homens consegue sair e vê a luz do sol. Fica encantado, vive um tempo no mundo e depois volta para caverna para contar o que viu para os outros. Os outros, no entanto, tentam matá-lo por isso. Essa não é a história de Sócrates? Deu para entender? O mito tem

um pouco de história também. Os gregos viam algo, aquilo ia passando oralmente e de repente se fixava como uma visão mítica.

2) A parte de Pandora não ficou muito clara. De onde vem esse entendimento de que a caixa de Pandora tem, em seu interior, as desgraças do mundo?

Na verdade, isso é aquilo que eu falei da mitologia. Isso foi passado como interpretação certa, mas não é a única.

Perceba se essa frase faz sentido, por exemplo: na caixa de Pandora, - que nem é caixa, conforme contei para vocês -, tinham todos os males e só restou a esperança. A esperança é um mal? Algumas pessoas dizem que sim, a esperança é um mal. Eu já vi essa interpretação. A gente ficou, digamos assim, com todos os males e a esperança fora. Há quem interprete que nós ficamos sem a esperança. Não há esperança, como se fosse uma espécie de inferno constante. Há várias interpretações. Como eu disse para vocês, as narrativas não são homogêneas nem únicas, e as interpretações também não.

A parte da Pandora não ficou clara porque só ela daria uma aula inteira. Eu costumo interpretar que a Pandora deixou bens irem embora, porque ela não resistiu à tentação e abriu algo que foi orientada a não abrir, como Eva.

3) Tanto o de Antígona quanto de seu sogro como grego resolvia? Qual o mecanismo para esse diálogo onde a moral e legislado se conflitavam?

Como eu disse a você, essa interpretação da moral e do legal não é a única também. Se tomarmos Antígona como representante da moral, nem abarca, suficientemente, a visão moral específica dela, que não era uma visão moral de que ela estava certa e Creonte, errado. É isso também, mas a visão de Hegel é de que Antígona está falando em nome do cosmo, dos deuses, e Creonte está falando em nome de sei. Por isso, a interpretação dos filósofos do direito é de que Antígona representa o direito natural, que é um direito que está instituído na natureza e é anterior e superior ao direito positivo, que é o direito que está posto por uma determinada ordem local. Esse conflito pode ser entendido assim ou de outra maneira mais complexa, como eu disse. Os dois têm razões morais e os dois têm razões legais. A questão é que a maneira de eles resolverem o conflito foi uma maneira desmedida.

- 4) Na sociedade espartana, as mulheres não eram protagonistas, mas tinham uma participação social maior, não? Em Atenas, é que se cristalizou com mais força essa ideia de mulher inferior?

Uma observação: eu não estou dando minha visão hoje. Eu estou explicando o mito grego e tentando interpretá-lo.

Mais ou menos. Em Esparta, as mulheres tinham maior participação. Contudo, pelos relatos de Plutarco, muitas vezes percebemos que a participação delas era semelhante àquela que o mito indica. Nos livros de Plutarco sobre Cleômenes e Edis, esses dois reis espartanos alteram a lei de Licurgo por causa de pedido de mulheres. Eram reis espartanos cujas mulheres próximas, às vezes avós, às vezes mães, queriam quebra a lei militar de Licurgo. As leis de Licurgo eram elaboradas como se todos fossem militares. Só havia refeições públicas, as rações. As vestimentas eram padronizadas, como se todo mundo usasse uniforme. As casas tinham uma metragem máxima estipulada, a qual não poderia ser ultrapassada. Não era permitido ter muito conforto. Então, as mulheres traziam a reflexão de por que não era permitido ter casas um pouco maiores, por que não era permitido comer outros alimentos. Plutarco não se pretende historiador, mas é biógrafo, mas mesmo nessas histórias, muitas vezes as mulheres participavam usando sua capacidade sensual para submeter as vontades dos homens. As espartanas usavam muito isso. Em Atenas, as espartanas eram consideradas mulheres sem respeito, porque usavam vestidos muito curtos, estavam sempre com as pernas expostas. As atenienses, por outro lado, ficavam mais em casa, todas cobertas. Há uma visão de que, em Esparta, as mulheres têm mais ação. Em alguma medida, mas era uma ação de mulher, de qualquer jeito. Não havia a rainha espartana, embora algumas tenham lutado na guerra, sim. No entanto, de uma maneira sempre feminina.

Na Grécia, não existe uma confusão entre os papéis. Algumas mulheres agiam mais, algumas ficavam mais restritas ao âmbito privado. De qualquer forma, elas estavam muito bem circunscritas pela visão que o grego tinha do feminino. Isso está presente no filme "300", embora a narrativa não seja histórica, porque a história de Leônidas está em Heródoto, e lá não consta que a esposa de Leônidas teve relações sexuais com outro para tentar salvá-lo. Eles introduziram isso no filme para tentar mostrar que a mulher espartana era capaz disso. Muitas faziam isso mesmo: usavam sua capacidade de sensualidade para fazer com que homens importantes se submetessem a elas. Isso não é um fenômeno exclusivo de Esparta, mas, em

Esparta, isso era muito mais claro, muito mais vivo e constante. Outras mulheres espartanas vivam mais no âmbito privado. Cuidava dos filhos até que completassem sete anos, quando eram então tomados pelo estado. Muitas ficavam no âmbito privado mesmo, influenciando seus homens, porque estes atuavam nas assembleias mais do que elas. A maioria era aos 31 anos em Esparta. Os espartanos consideravam pessoas menores que 30 anos, crianças. Surge em Atenas a ideia de maioria aos 18 anos. Então, em Esparta, os homens iam participar das assembleias e as mulheres queriam influenciá-los de alguma maneira. Bem ou mal, o feminino, como é exposto no mito grego, ainda está presente em Esparta. Por todos os registros que temos, a mulher espartana participava mais da política, inclusive de decisões de política e de guerra, mas de maneira alguma a mulher ateniense era excluída de tudo. A mulher ateniense era considerada a administradora dos negócios domésticos, o *domus*, palavra latina que corresponde ao *oikos* do grego, do qual advém econômico, economista. A mulher era a administradora, aquela que manda nos filhos, nos escravos, e que administra os recursos. Ela tem um papel. Ao homem correspondia o papel público. Ele não tem muito o que fazer. Ele consegue fazer as suas coisas renderem, ele cuida do dinheiro e, ao mesmo tempo, está sempre em discussão, defendendo suas causas. São papéis diferenciados. Não sei se vejo aí inferioridade e superioridade.

A maneira de enxergar a mulher como inferior que eu vejo presente, sim, na mentalidade grega, está presente na visão de Aristóteles, quando, em determinado momento, ele afirma que a mulher gosta de deliberar, que a mulher ajuda o homem a pensar, mas que, na hora de tomar a decisão, ela se confunde. Eu não sei. Muitas vezes mulheres me ajudaram a decidir. Às vezes, por as mulheres terem sido educadas geração após geração no âmbito privado, deixavam algumas decisões mais importantes, sobretudo no âmbito público, para os homens tomarem, e isso seria mais cultural do que natural.

5) Este aspecto pedagógico dos mitos pode ser comparado às anotações folclóricas com lições de moral no final?

Sim, claro. Aliás, se você pegar mito, lenda e folclore, há como fazer uma certa diferenciação também. O mito é essa narrativa primordial que pretende explicar grandes questões, questões fundamentais como “de onde veio tudo?”, “qual a virtude do homem?”. O mito pretende explicar a realidade por meio de narrativas meio

ficcionais, meio históricas, sempre cruzando a influência do sobrenatural, a influência dos deuses, e a influência dos homens. Isso seria o mito.

A lenda é sempre algo histórico, de alguém que existiu, que foi muito grande, e cuja história foi sendo transmitida quando esse alguém já era muito destacado e importante. Essas lendas existem até hoje. Se usarmos a palavra desse jeito técnico como eu uso, nos Estados Unidos, a figura de um George Washington é uma lenda.

O folclore é aquelas historinhas narrativas regionais de povos, que não se transformam em um grande panteão mítico, mas que também tem uma lição de moral e desenvolvem, às vezes, personagens. O Brasil tem seu próprio folclore. É algo de âmbito menor, mas também com lição de moral.

O problema do mito é que as lições de moral não são tão simples, justamente porque tratam de questões fundamentais. Há questões fundamentais que foram abertas pelos povos antigos, até por povos pré-históricos, e não foram resolvidas até hoje. Algumas questões foram muito bem resolvidas. Outras, não estão resolvidas. São questões muito sérias, sobre as quais não podemos determinar uma lição de moral. Não é como a fábula de Esopo, em que ele próprio assinalava a lição de moral. Ou as fábulas de La Fontaine. O mito é muito mais complexo.

Vamos a um exemplo. Lembrem que eu contei para vocês sobre Urano ficar preocupados com seus filhos e mantê-los presos dentro de Gaia? Depois, Cronos o sucede, e por também ficar preocupado com os filhos, devora-os. Cronos é então sucedido por Zeus, que também fica preocupado. Zeus se preocupa com a própria esposa e com Atena, tanto que as transforma em líquido e bebe ambas. Essa história mostra a sucessão da ordem porque as pessoas que estão à frente do poder vão caindo em uma rotina, vão envelhecendo, vão perdendo forças. Isso é igualzinho à vida animal do leão e à vida política dos homens.

Antes de começar a perder os dentes, o leão é capaz de matar os próprios filhotes. Caso se relacione com uma leoa, ele mata os filhotes dela que forem do seu adversário. Ele faz mais ou menos como fazia Cronos. Quando o leão começa a perder os dentes, não consegue mais fazer isso. É como se ele começasse a querer se ver em proteção do macho que vai se transformar no próximo macho alfa

Do ponto de vista político ou empresarial, isto também existe. Sempre há aquele homem que quer ser o deus, que quer suceder o pai. Às vezes, ele aprende com outro grupo, vai se destacando, e tenta superar o pai e impor as regras dele. Isso traz uma inovação. Isso acontece em todo lado. E estão ali, no mito.

Percebemos isso até na nossa realidade política. Quando eu mencionei que as manifestações de 26 de maio podiam ser explicadas pelo mito, em alguma medida, era pelos seguintes aspectos. Eu vi as pessoas discutindo que nós já temos representantes do povo e que, por isso, não é necessário o povo ir às ruas. Ou seja, aqueles que estão lá são o Creonte e o povo que vai às ruas está falando em nome de valores que consideram superiores aos cargos que eles têm. É como se fosse uma Antígona. Por isso, eu falei da prudência nas manifestações, para não acontecer uma tragédia para todo mundo. Meu ponto de vista é que o movimento é positivo. Alguns colegas meus não acharam. Eu achei bom? pautas específicas, pedidos, solicitações, mostrar a força, mostrar que a mensagem é que queremos algo específico que, como nossos representantes, no mínimo, eles precisam levar em consideração. Eles têm que recepcionar isso de alguma maneira também. Se eles não receberem isso bem e ficarem na desmedida empáfia, achando que são os deputados, que são os senadores, e que as pessoas não são ninguém e devem ficar quietas, estão sendo como Creonte. Eles vão prender Antígona, isso vai resultar em morte. O filho e a mulher deles vão morrer também. É óbvio que não estou falando literalmente, mas estou expressando que todo mundo vai se dar mal. O ideal é que haja mesmo um entendimento, e nós estamos com a oportunidade de criá-lo.

Vocês estão vendo como dá para usar o mito para compreender a realidade?

6) Professor, os quatro filhos de Édipo não deveriam ser irmãos dele?

Eu não sei. Eu nunca vi isso, graças a deus, só no mito. Para economizar explicações, são os filhos dele, mas, ao mesmo tempo, filhos da mesma mãe que ele. Isso não é uma realidade, isso não acontece, pelo menos, não com frequência, a ponto de as pessoas saberem que isso existe. É uma coisa que o mito quis mostrar como exemplo. O Freud interpretou de outra maneira. O mito quer mostrar tudo de uma maneira muito visceral, muito trágica mesmo, para você sentir o impacto e pensar sobre o assunto.

7) Qual o nível dos estudos dos reis?

Se for um Édipo, não fica claro o que ele estudou, só fica claro que ele era um homem superior. Ele era filho de reis e acabou virando filho de reis de novo. O cara foi descartado para ser filho de rei de novo. Ele foi criado como um nobre. Os nobres eram criados para guerra e estudos, em alguma medida. A chamada educação clássica não é caracterizada aí. A educação clássica é formalizada no quinto período, muito baseada no que Atenas já tinha feito por muito tempo. Em Atenas, houve uma

discussão de educadores, de pedagogos, um conflito de pedagogos a respeito de qual era o melhor sistema. Alguns foram se padronizando e o Alexandre criou um padrão para funcionar. A bem da verdade, ele não tomou essa decisão sozinho.

O que conhecemos hoje por educação clássica é algo que é inspirado nisso. Na verdade, é o que fez um monge inglês chamado Alcuíno, muito tempo depois. Ele pegou esse modelo alexandrino, aperfeiçoou, melhorou, padronizou e, na Idade Média, ocorre a fixação de um parâmetro clássico. Essa história é mais complexa do que parece.